

EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO EM FILOSOFIA COM CRIANÇAS

[EXPERIENCES OF THINKING OF PHILOSOPHY WITH CHILDREN]

Maria Reilta Dantas Cirino

Professora Adjunta IV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, do Curso de Licenciatura em Filosofia e do Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia – PROF – FILO, Pólo Caicó/ UERN. Doutora em Educação (PROPED/UERJ). Coordenadora do Projeto de Pesquisa PIBIC “Filosofia com crianças: pensamento e experiência na escola?” Líder do Grupo de Pesquisa Ensinar e Aprender na Educação Básica – GPEAEB/UERN.

(E-mail: mariareilta@botmail.com)

Recebido em: 23 de abril de 2018. Aprovado em: 15/05/2018

Experiências de pensamento em filosofia com crianças

CIRINO, M. Reilta D.

Ensaiai a experiência de pensamento no espaço da escola¹ tem sido o *acontecimento* diário dentro das atividades do Projeto de Pesquisa² e Extensão³ no município de Caicó/RN. Entendemos que a ação de pesquisar e de fazer extensão, na nossa experiência, não se dá de forma separada, mas que uma e outra se entrelaçam e se potencializam. Compõem as ações dos referidos projetos as atividades de estudos de textos pertinentes aos temas das experiências de pensamento, discussão com professoras e com estudantes da graduação e do ensino médio, o pensar as experiências de pensamento, e encontrar maneiras diversas para inventar materiais que, acreditamos, tenham a potência de “forçar o pensar”⁴. Por fim, no movimento de idas e vindas, em uma relação com avanços e recuos, nos movemos para ir à escola, trazer a escola ao espaço da universidade e criar as condições para oferecer às crianças e aos adultos que com elas compõem o espaço da experiência de pensamento, a possibilidade da experiência individual e coletiva do pensar através da filosofia.

Lipman (2008) acredita na capacidade das crianças em se deslumbrarem e se espantarem diante do mundo. Na busca por significar o mundo elas se questionam sobre si mesmas e sobre os acontecimentos de seu cotidiano. Nesse sentido considera três possibilidades de as crianças tentarem elucidar suas inquietações: “A primeira é mediante uma explicação científica. A segunda é por meio de um conto de fadas ou de uma história que ofereça uma interpretação útil num nível simbólico. A terceira é formulando o assunto filosoficamente em forma de pergunta.” (LIPMAN, 2008, p. 57). Assim, ao analisar a necessidade do desenvolvimento do pensar na educação identifica que a filosofia tem o potencial de contribuir de maneira significativa com a capacidade de pensar desde a infância. Afirma em suas pesquisas que: “Já foi demonstrado que as crianças que são ensinadas a raciocinar através da filosofia apresentam uma melhoria de 80% maior que as crianças que não foram expostas à filosofia.” (LIPMAN, 2001, p. 50); já Castro; Ramos-de-Oliveira (2011) afirmam que o pensar é inerente ao humano e que as instituições educativas deveriam promover espaços para que adultos e crianças pensem de maneira cada vez mais coerente e

¹ Texto apresentado à VII Semana de Filosofia do Campus Caicó para a oficina pedagógica “Filosofia com Crianças: cenas de experiências”, ofertada dentro das atividades da referida semana no dia 06/12/2018.

² Projeto de Pesquisa PIBIC: *Pensamento e experiência na escola a partir da filosofia com crianças: desafios e possibilidades na escola?* Edital n. 003/2016-DPI/PROPEG/UERN, etapa 2017-2018.

³ Projeto de Extensão: *Filosofia com crianças e jovens: experiências de formação e pensamento na escola de educação básica*. Edital OO38/2016 – PROEX/ UERN, etapa jul/2017-jun/2018.

⁴ Lipman (2008) e Kohan; Olarieta (2012) defendem que o pensamento é uma capacidade inerente ao humano e que pode ser continuamente aperfeiçoada, contudo é necessário que algo force o pensar para que esse se revele e possa ter a possibilidade de ser aperfeiçoado individual e coletivamente.

Experiências de pensamento em filosofia com crianças

CIRINO, M. Reilta D.

com significados para si e para o mundo no qual estão inseridos; também Kohan (2012) se soma a esse contexto identificando que para que o pensar surja é necessário que algo force o pensar, e uma das maneiras de tentar, é insistir em experienciar o pensar e pensar a experiência, podendo para isso utilizar materiais diversos que possibilitem uma composição de sentidos singulares a cada contexto, que sejam sensíveis e potencializadores dessa capacidade: “Terão beleza, enigma, força.” (ibidem, p. 20).

A partir dessas breves considerações e acreditando na potência da filosofia como área comprometida com o desenvolvimento do pensar infantil para atribuir significados e sentidos ao mundo e as relações complexas nas quais as crianças estão inseridas, nossos estudos e práticas são orientados por alguns conceitos:

- a infância, como *condição* para a experiência, nos empenhamos em vivenciá-la da maneira mais intensa possível, no sentido *infante* dos inícios, do não saber, da integralidade *em presença* que somente a *condição* infantil de adultos e crianças pode nos proporcionar, ou seja, “[...] a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação.” (KOHAN, 2007, p. 94);

- a invenção e autoridade do caminho, no sentido abordado, respectivamente, por Kohan (2013) e por Masschelein; Simons (2013; 2014), como atenção a algo, como interrupção, como questão pública de tempo livre para construir algo em comum, buscamos fazer vibrar em nós, no que fazemos junto às crianças e aos adultos e no que se passa conosco enquanto fazemos, nosso fazer, “[...] se resume a encontrar formas concretas no mundo de hoje para fornecer ‘tempo livre’ e para reunir os jovens em torno de uma ‘coisa’ comum, isto é, algo que aparece no mundo que seja disponibilizado para uma nova geração.” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 11. Grifos dos autores.);

- a experiência, como abordada por Larrosa (2014), quando as atividades implicam outro ritmo, mais devagar, para pensar e sentir aquilo que nos passa. Compreendemos a experiência como um desejo de realidade, como a intuição de uma falta, daquilo que ainda não temos, de uma vida cheia de vida que possa nos dá a sensação de que o que estamos a fazer junto com outros (adultos e crianças) tenha a força e a vitalidade do real: “[...] algo que nos acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, [...]” (LARROSA, 2014, p. 10);

- e por fim, a investigação, no espaço da pesquisa e extensão, evidenciando, em um *fazer* prático, a dimensão indissociável entre as duas atividades, as quais potencializam a

Experiências de pensamento em filosofia com crianças

CIRINO, M. Reilta D.

relação entre a escola de educação básica e a universidade, no sentido defendido por Larrosa (2014) que propõe pensar a pesquisa através do par experiência/sentido e caracterizada por Masschelein; Simons (2014, p. 48) como sendo a investigação e relação entre a escola e a universidade que se constitui como: “[...] e-ducativa cria um espaço de possível transformação do eu que implica uma liberação do olhar [...] esse saber não está dirigido a compreender (melhor) mas a esculpir, [...] fazer uma incisão ou uma inscrição concreta no corpo que transforme o que somos e como vivemos. [...]”

Larrosa (2014) também nos chama a atenção para a dificuldade de que a experiência ocorra entre as pessoas nos dias atuais, em vista do excesso de informação, presente na sociedade, e especialmente, pelo uso exagerado da tecnologia; excesso de opinião (*doxa*) e falta de tempo, provocados pela dificuldade de, em meio a tantas informações, o sujeito não tem o tempo devido e necessário para aprofundar sua perspectiva, por vezes ingênua e superficial de algo; e, por fim, o excesso de trabalho, no sentido cronológico e de controle das ações do indivíduo, no sentido da produção, do ativismo.

Persequimos o pensar, ele é latente em nós, desejamos pensar juntos com crianças, jovens e adultos⁵, sentimos o pensamento se movimentando em nossa roda de conversa através da prática dialógica como apresentada por Freire (2013, p. 109), como palavra verdadeira como algo que nos constitui historicamente, que nos torna humanos. É assim, uma exigência existencial. O diálogo como confiança, coragem e humildade: “[...] o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade [...]. Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar o mundo.” Também Masschelein; Simons (2014) inspirados pelo *devoir*, no sentido de que a experiência nunca está pronta, propõem o diálogo como autoeducação, com igualdade, democracia, escuta, atenção, cuidado, respeito e espera, ou como afirma o fragmento 18 de Heráclito: “Se não se espera o inesperável não se o encontrará, dado o difícil de achar e de aceder que é.”

⁵ O Projeto de Pesquisa PIBIC envolve jovens do ensino médio, estudantes da graduação e professoras da rede básica de educação.

Experiências de pensamento em filosofia com crianças

CIRINO, M. Reilta D.

FRAGMENTOS DAS EXPERIÊNCIAS DO PENSAR: INVENÇÕES E INFÂNCIAS

O que pode *forçar* o pensar? Como perceber que ocorreu a experiência de pensamento a qual nos propormos com as crianças? Temos provocado o pensar a partir da contação de histórias, de ilustrações, teatro de fantoches, etc. Contudo, percebemos que, em parte, as crianças esperam um exercício de perguntas e respostas no sentido da reprodução da história: quais são os personagens, falas de alguns deles, etc. O trecho do diálogo abaixo ocorre quando por ocasião⁶ da contação da história adaptada do Pinóquio, de autoria de Carlo Colloni, a qual traz a história de um menino que saiu para a escola e passa a vivenciar várias aventuras que envolvem seu avô e outros personagens. No decorrer da contação da história, as crianças vão sendo envolvidas nos acontecimentos e passam ao mesmo tempo a criar a história de maneira interativa, bem como a confortar e questionar a própria história a partir do confronto e memória da história original do Pinóquio, a qual as crianças já conhecem. Segue-se parte do diálogo:

Profa. 01: A história de hoje é muito interessante. Alguém conhece esse personagem?

(A professora mostra o boneco Pinóquio)

Crianças: Sim! Pinóquio!

Profa. 01: Muito bem! E esse outro?

Crianças: É o pai do Pinóquio!! É o vovô Gepeto!!!

Profa. 01: Mas, na nossa história esse será o vovô Quepeto.

(As crianças ficam admiradas).

Profa. 01: Vejam bem!! Vamos escutar a história?

Crianças: Sim!!!!

Profa. 01: Era uma vez um menino chamado Pinóquio que estava junto com seu grilo falante caminhando para chegar aqui na Escola Maria Leonor Cavalcante!!

Criança 01: Tia, cadê o grilo????

Profa. 02: Gente!!! Pois não é que ele vinha no caminho e se perdeu. Cuidado!!! Se virem um grilo por aí é o grilo do Pinóquio!!!

Criança 02: Tem dois grilos lá em casa, acho que um é o do Pinóquio.

Profa. 02: Será que é ele?

Criança 02: Quando chegar em casa vou perguntar.

Profa. 01: Pinóquio chegou na escola e viu essas crianças bonitas. Mas vocês não sabem o que aconteceu para ele chegar aqui! Estava caminhando e encontrou seu vovô Quepeto que deu um abraço e disse: Boa aula!! Aí Pinóquio encontrou com um homem...

Crianças: O homem do circo??

⁶Turma Infantil Nível II, crianças de 05 e 06 anos. Nov/2016.

Experiências de pensamento em filosofia com crianças

CIRINO, M. Reilta D.

Profa. 01: Não!! Esse era um caçador! E aí levou Pinóquio para a beira da praia e no caminho estavam conversando...

Criança 03: O caçador estava tentando levar Pinóquio para não ir à escola?

Profa. 01: Isso!

Esse fragmento da experiência nos coloca diante das crianças e sua capacidade de fazer relações entre o imaginário e os acontecimentos diários de seu cotidiano desde de que o espaço escolar dê lugar para suas vozes infantis. Também nos remete a algumas questões: o que é a escola? Como temos vivenciado junto com as crianças esse tempo escolar? Recorremos aos autores Masschelein; Simons (2013) que ao defenderem a instituição escolar, nos apresentam o sentido original do termo escolar – *skholé* – que significa “tempo livre”, discussão, adiamento, suspensão, ou seja, não seria exatamente essa a tentativa que estamos a fazer no espaço da filosofia com crianças? Um tempo livre em que o ativismo, as tarefas cotidianas da escola ocupam, integralmente, um tempo que deveria ser livre e que é tornado produtivo pela escola? A maneira como as crianças se envolvem com a experiência remete a um outro tempo não-numerável (KOHAN, 2007, CIRINO, 2016) que não tem relação com o tempo cronológico da escola, mas muito mais com um tempo intensivo, aniônico: um tempo infantil no qual as possibilidades da imaginação, da simbologia, da busca por significados e sentidos se torna experiência. Vejamos:

Criança 04: O nariz dele cresceu porque ele começou a mentir.

Profa. 01: Isso mesmo!! (A professora 01 coloca o nariz no boneco que representava o Pinóquio). Prestem atenção crianças: mentir é certo ou errado?

Criança 04: Errado!

Profa. 02: Olhem, o coleguinha está dizendo que é errado mentir. Por quê?

Criança 05: Por que você não diz a verdade e mentir é feio.

Profa. 01: Pois bem!! O caçador foi embora e Pinóquio encontrou vovô Quepeto e levou para a escola. Deixando Pinóquio na escola, vovô Quepeto foi pescar até que veio uma baleia e NHAU!!! Engoliu o vovô Quepeto.

(As crianças ficaram espantadas).

Criança 05: E porque a baleia é pequena?

Criança 06: E o vovô morreu?

Criança 07: Eita! O que tinha dentro da baleia?

Profa. 01: Mas... o vovô Quepeto não morreu. Chegando lá dentro da barriga da baleia, ele encontrou!!! Encontrou o quê?? (A professora começa a retirar alguns objetos de dentro de uma bolsa e apresenta para as crianças).

Profa. 01: O que é isso?

Criança 08: É para medir, meu pai tem um!

Experiências de pensamento em filosofia com crianças

CIRINO, M. Reilta D.

Criança 09: O meu também tem!! É uma régua?

Profa. 02: Uma trena dentro da barriga da baleia, minha nossal!

Profa. 01: E tinha também dentro da barriga da baleia, sabem o quê? Olhem!!!

Criança 01: O que é isso? Uma bola?

Criança 05: Não! Que negócio é esse?

Profa. 01: Vamos montar para ver? (As crianças passam a montar juntas).

Crianças: Eita, um microfone!!!

Profa. 01: Isso aconteceu porque a baleia estava nadando assim e fez NHAM para comer a sereia que ia passando, mas a sereia muito esperta, deu o microfone para a baleia e fugiu!!

Profa. 10: Foi! A baleia ficou cantando e a sereia até hoje está nadando tentando pegar seu microfone de volta.

Criança 11: Sereia corajosa!

Criança 10: Vixe!! Agora ela saiu correndo e a baleia brechando atrás.

Os acontecimentos que surgem no espaço da extensão nas experiências de pensamento com as crianças nos remetem a uma infância capaz, inventiva. Contudo, essa infância potente muitas vezes se encontra aprisionada nos mecanismos produtivos do tempo escolar. Nesse sentido, temos buscado, através da filosofia, abrir cada vez mais o exercício do pensar para dá lugar aos exercícios de estranhamento das crianças sobre as coisas do mundo. Nos inquieta e nos perguntamos sobre nossa atitude como docente no espaço da experiência do pensar. Estamos de fato potencializando o pensar infantil? Como desfamiliarizar nossos modos habituais de lidar com as crianças e deixar que elas nos guiem a novas maneiras de perceber o mundo?

Temos feito o exercício de olhar de novo a experiência, dialogar entre nós professoras sobre o que acontece na experiência e o que nos acontece enquanto fazemos a experiência do pensar com crianças, exercitamos o pensar e buscamos perceber, através da filosofia, como reaprender a olhar a escola e a vivenciar, infantilmente, o espaço da experiência de pensamento a que nos propomos com as crianças. O fragmento a seguir nos chama a atenção pela capacidade inventiva das crianças de trazer à tona maneira de pensar ainda não pensadas e ao mesmo tempo a busca em relacionar, encontrar sentidos coerentes para fatos e personagens:

Profa. 01: Sabem o que ainda tinha na barriga da baleia? Uma Tartaruga Ninja!!

Criança 07: Eita! Ai, ela pegou lutou, lutou no bucho da baleia para tentar sair.

Profa. 02: Mas, será que a Tartaruga Ninja conseguiu sair? Como?

Criança 07: Saiu, ela lutou, lutou, assim... (A criança simula uma luta com os braços).

Experiências de pensamento em filosofia com crianças

CIRINO, M. Reilta D.

Criança 09: Aí vovô Quepeto fez cócegas e ela vomitou.

Profa. 02: Será? O que acontece agora na história? Vamos passar a palavra e quem quiser falar, ok?

Crianças: Certo!

Criança 01: Não sei.

Criança 02: A Tartaruga Ninja lutou, lutou e aí salvou o vovô Quepeto.

Criança 03: Não, aí apareceu Pinóquio com o caçador e matou a baleia e todos saíram de lá.

Criança 04: Não sei... (A criança fica pensativa).

Criança 05: Acho que a sereia apareceu, entrou na boca da baleia pegou seu microfone e avisou ao Pinóquio do seu vovô que estava preso lá.

Criança 06: Não, tia, acho que foi assim: Pinóquio foi engolido pela baleia, aí ele mentiu tanto que o nariz dele cresceu, cresceu, furou a baleia e todos saíram.

Criança 07: Vixe, pode ser!! O mesmo que ele.

Profa. 02: E aí? Quem mais pensa diferente? Ou pensa algo parecido com os colegas?

Como retirar o véu que encobre cotidianamente nossos olhos e dá lugar às perguntas das crianças e deixar surgir seus pensamentos e inquietações. em cada experiência? Temos nos deixado guiar pelo diálogo que se finca na esteira da atenção, da liberdade, do respeito, o qual, paulatinamente, cria as *condições* para o questionamento, para o não-saber que favorece a interação problematizadora e potencializadora da percepção e compreensão entre adultos e crianças.

Ou seja, no espaço-diálogo da experiência o pensar sobre as coisas do mundo é provocador, intenso, o qual gera um profundo envolvimento, pois se trata de questões com as quais crianças e adultos estão realmente implicados, e se criam as *condições* para que no movimento do pensar não mais se possa pensar da mesma maneira que se pensava antes, bem como pensar coisas nunca antes pensadas. (CIRINO, 2016, p. 139).

Coerentemente com esse pensamento acima, Masschelein; Simons (2013, p. 32-33), ao defenderem a escola como *tempo livre* identificam a necessidade de *suspensão* do tempo regular – o tempo produtivo, que significa o conteúdo, as tarefas escolares: “[...] a suspensão, tal como a entendemos aqui, significa (temporariamente) tornar algo inoperante [...] libertando-o de seu contexto normal.” Essa suspensão deve atrair as crianças, os jovens e os professores à atenção de um tempo presente, o que acontece agora, entre eles. Nesse sentido, embora sigamos para a experiência com alguma proposição⁷ que nos provoca e que

⁷ Muitas dessas proposições se inspiram nos passos para andar o filosofar propostos por Kohan; Olarieta (2012).

Experiências de pensamento em filosofia com crianças

CIRINO, M. Reilta D.

desejamos, de alguma maneira, compartilhar com as crianças, devemos dá lugar aos desejos e inquietações infantis que ali são trazidas e colocadas em questão pelas crianças, criando uma *brecha* no tempo regular da escola e nos aproximando de uma relação de igualdade: “[...]. É essa suspensão e essa *construção* de tempo livre que instilam a igualdade no escolar [...]” (ibidem, p. 36).

Os inícios, perigos, ausência de certezas, e o envolvimento intenso estão presentes e potencializam outros inícios de encontros, de infâncias, de filosofias. Esses aspectos podem ser percebidos, por exemplo, nas palavras do professor Walter Kohan, em entrevista à Ana Corina Salas sobre os perigos dessa prática: “Aposto em jogar-me por inteiro no que faço, aposto em uma ideia e a ela me entrego. O resultado não importa, a graça está no mundo que essa aposta permite percorrer no pensamento, os encontros que gera, os mundos que te permite habitar.” (SALAS, 2012, p.161).

Portanto, consideramos que as experiências de pensamento em filosofia com crianças têm se constituído em espaço do convite à formação, ao “Pensar é experimentar o incômodo do desconhecido, do ainda-não pensado e construir algo que nos possibilite enfrentar o problema que nos faz pensar.” (GALLO, 2008, p.118). Ora, se o exercício do pensar é formativo, cabe-nos manter a abertura, a atenção, esperar e se deixar atravessar pelo acontecimento das experiências de pensamento com crianças e através da filosofia.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Eder Alonso; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Paula. (Orgs.). **Educando para o pensar**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CIRINO, M. R. D. **Filosofia com Crianças**: cenas de experiências em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina). Rio de Janeiro/RJ: NEFI, 2016 (Coleção Teses e Dissertações: 2).

GALLO, Sílvio. O problema e a experiência do pensamento: implicações para o ensino de filosofia. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter. (Orgs.). **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008a. p. 115 – 130.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2013.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

Experiências de pensamento em filosofia com crianças

CIRINO, M. Reilta D.

KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SALAS, Ana Corina. Um encontro na conversa; uma conversa no encontro. In: KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 159 – 165.